

SOMBRAS NO PRESÍDIO

*Eis aqui o meu meio, o meu mundo
atual, o mundo onde eu não quero,
mas onde me forçam viver.*

DOSTOIEVSKI

Levantou-se e deu alguns passos pela cela estreita. A janela gradeada mostrava um pedaço da noite pontilhada de estrêlas. A sentinela rondava vigilante, fuzil ao ombro. Ouvia-lhe os passos dentro da noite. Deitou-se novamente, não tinha sono. A cabeça ardia-lhe e pesava-lhe, os músculos doíam-lhe. Quanto tempo ficaria ali? Por que o matara? Não conseguia lembrar-se. Por mais que se esforçasse, por mais que vasculhasse o fundo da memória, não conseguia lembrar-se. Recordava-se apenas do corpo caído, da faca ensanguentada que segurava e dos policiais que o agarravam. Por que o matara?

Não podia dormir. Doíam-lhe tôdas as partes do corpo e aquela pergunta sem resposta martelava-lhe o cérebro constantemente.

Pela janela gradeada, a noite pouco a pouco tornava-se mais clara e as estrêlas iam fugindo do céu. Logo seria dia. A sentinela continuava sua ronda.

A escuridão da cela foi quebrada pela frágil claridade do amanhecer.

Estava deitado sôbre a cama rija. Um raio de sol penetrando pela janela, ofuscou-o. Lentamente, o sol foi invadindo a cela, enchendo-a de uma luz morna e brilhante. De repente, a prisão já não lhe parecia tão fria, tão soturna. Havia sol! Encostou-se à parede deixando-se envolver pelo calor. A cabeça já não lhe pesava, esquecera as dores do corpo... Estranho, sentia-se até um pouco feliz. Imaginava como o dia estaria lindo lá fora e olhava através das grades o mundo que já não lhe pertencia.

O sol pouco a pouco desapareceu da cela. Sentiu-lhe a falta, mas sabia que o teria novamente na manhã seguinte e ficou contente com isso. Esperava ansiosamente que passasse o dia e a noite para que a manhã lhe trouxesse outra vez o sol.

A escuridão e o silêncio da noite voltaram a encher o mundo. Novamente a insônia e a dúvida martirizavam o prêso. Por que o matara? Quanto tempo ficaria ali? Atormentava-o o desejo impossível de correr. Olhava com raiva as quatro paredes que lhe limitavam os passos.

A noite passava devagar. A lua desapareceu da janela gradeada. Ansiava pela manhã. Queria a luz, o sol, talvez lhe trouxessem um pouco de paz.

Anunciaram-lhe o dia do julgamento. Não tinha advogado, mas a Justiça se encarregaria disso. Um funcionário avisou-o que lhe nomeariam um, e disse-lhe com ênfase como se fôsse o próprio legislador: — “Ninguém pode ser condenado sem defesa”.

A palavra “condenado” soava-lhe de modo estranho. Repetia mentalmente a frase — “Ninguém pode ser condenado sem defesa”. Então, havia já uma presunção de que seria condenado. Não entendia bem. Afinal, talvez tudo não passasse de um mal-entendido.

O advogado foi duas ou três vezes à cela do seu constituinte. Achava estranho que ele não se lembrasse da causa do crime. Saía da cela abanando a cabeça desapontado, duvidando do bom senso do seu cliente.

Certa manhã, dois guardas foram à cela buscar o prêso. O sol inundava o estreito cubículo enchendo-o de luz e calor. O prisioneiro estava sentado no chão, encostado à parede onde o sol incidia mais fortemente. O seu rosto exprimia contentamento. Tentou recusar-se a sair da cela, mas lembrou-se que não adiantaria, eles o levariam à força. Levantou-se. Olhou por um momento a claridade ofuscante que se filtrava pela janela e acompanhou os guardas.

A sala do Tribunal estava cheia. O promotor lia qualquer coisa que o réu não conseguia ouvir.

Sentia-se cansado. O julgamento começara há várias horas e ele era obrigado a permanecer sentado na mesma posição. Tinha vontade de se deitar ou andar um pouco, mas os dois guardas que estavam ao seu lado não permitiriam.

Por uma das janelas da grande sala, penetravam alguns raios de sol que enchiam de claridade ofuscante um pequeno trecho do recinto onde se via passar constantemente no ar luminoso, minúsculos grãos de poeira. O réu lembrou-se da cela ensolarada e teve vontade de voltar para lá. Gostaria que tudo aquilo acabasse depressa. Sentia-se cada vez mais cansado. Doíam-lhe as costas, tinha as pernas doloridas pela imobilização. Alguém cerrou as cortinas, os raios de sol desapareceram e aquele trecho da sala ficou momentaneamente mergulhado numa semi-obscuridade.

A luta entre acusação e defesa continuava. O promotor falava arrebatadamente na ânsia de condenar em nome da Justiça e da Sociedade. O advogado aparteava de quando em quando, mas, sem argumentos suficientemente fortes, via-se envolvido em raciocínios mal formulados. Sentia que perdia terreno. Olhava com raiva para o réu. Este, parecia não se preocupar muito com o rumo que o julgamento tomava. Esticava as pernas para amenizá-lhes as dores, procurava no banco uma posição mais cômoda, porque lhe doíam as costas de permanecer muito tempo na mesma posição.

De vez em quando, durante o discurso do promotor, erguia-se na sala um murmúrio semelhante ao ruído do mar. O juiz pedia silêncio. O réu lembrava-se do funcionário — “Ninguém pode ser condenado sem defesa”. Aquelas palavras pareciam-lhe a própria condenação. Por quanto tempo ficaria prêso? Isso já não o preocupava tanto. A prisão já não lhe parecia tão triste: havia sol na sua cela!

As testemunhas foram ouvidas. O réu não conhecia nenhuma. Entretanto, dentre as quatro que o acusaram, notou numa delas um par de olhos que o fitavam com ódio. Foi a desta a acusação mais cerrada, mais veemente, mais cruel.

O advogado olhava com pena o réu que continuava indiferente ao seu destino.

Ouvidas as testemunhas, a acusação e a defesa, o corpo de jurados retirou-se da sala, desaparecendo por trás de uma porta lateral.

Muito tempo se passou antes que tornassem a aparecer. O réu estava impaciente. As costas doíam-lhe cada vez mais, tinha as pernas dormentes.

Os jurados entraram na sala. O réu nem sequer deu por isso. O juiz lia alguma coisa a que êle não prestava atenção. Não encontrava uma posição para estar. O juiz chamou-o pelo nome. Êle não ouviu. Um dos soldados a seu lado tocou-o no ombro. Foi quando êle ouviu com espanto o juiz dizer que o Tribunal o condenava a vinte anos de prisão.

O advogado desapareceu sem lhe falar. Olhou o corpo de jurados, as pessoas que enchiam a sala e que agora começavam a sair, já com a curiosidade satisfeita. As pesadas cortinas cerravam as janelas. Tudo parecia rodar à sua volta. Via dois olhos que o fitavam com ódio. Uma frase martelava-lhe o cérebro sem cessar — “Ninguém pode ser condenado sem defesa”, “Ninguém pode ser condenado sem defesa”... Tudo não passava então de uma farsa. Fôra uma farsa e uma porção de horas perdidas o que se passara naquela sala, uma vez que êle estava previamente condenado e para o ser publicamente, precisava apenas de um advogado que o defendesse. Não compreendia. Afinal, talvez tudo não passasse de um mal-entendido.

O Tribunal estava vazio. Os soldados fizeram levantar o condenado. Êle não podia andar porque suas pernas estavam dormentes. Saiu da sala quase arrastado pelos guardas.

Estava outra vez na sua cela. Pelas grades da janela, via lá fora o dia que chegava ao fim. Uma espécie de névoa cinzenta cobria o mundo tornando-o opaco. Era a noite que se aproximava.

Não lhe saía da memória a figura da testemunha cheia de ódio, contando a história do crime com tantos detalhes, tantas minúcias. Teria tudo aquilo ocorrido realmente assim? Não se lembrava. Por que o matara? Por que? Teria que esperar vinte anos. Mas acabaria por se acostumar e havia sol em sua cela. Senti-se feliz quando êle invadia lentamente o seu

cubículo até o deixar cheio de luz e calor. Sentia-se bem deixando-se envolver por aquela claridade luminosa e quente. Quando pouco a pouco o sol abandonava a cela, êle passava a esperar a manhã seguinte, e já pela madrugada, aguardava que os primeiros raios expulsassem as últimas trevas.

Estava cansado, e, quando se deitou sobre o colchão de palha muito fino, batido pelo uso e cheirando a môfo, adormeceu profundamente.

Acordou com o calor do sol que penetrava pelas grades da janela. Levantou-se contente, deu alguns passos pela cela. Já não se sentia cansado, achava-se muito bem e aquêle sol parecia dar-lhe vida, torná-lo forte. Sabia que não poderia viver sem aquela luz, sem aquêle calor que parecia ser a própria vida.

A porta da cela abriu-se. Dois guardas entraram e disseram-lhe que o iam levar. Não perguntou para onde. Talvez não respondessem. Não tinha vontade de ir, queria gozar as poucas horas de sol que o dia lhe oferecia. Eram as mais alegres, as únicas em que conseguia esquecer as suas preocupações.

Olhou com ar tristonho a luz jorrava pela janela gradeada e acompanhou os guardas. Meteram-no num carroe rodaram com êle durante muito tempo. Quando saiu do carro, viu-se no pátio de um grande edifício. Um presídio, a julgar pelas grades que tinha nas janelas, pelos altos muros que o cercavam e pelos guardas que vigiavam.

Levaram-no ao Diretor. Os dois guardas que o trouxeram desapareceram. Um outro levou-o pelos corredores e atirou-o numa cela onde já estavam dois outros prêsos.

A cela era escura e fria. Não tinha janela. Teve vontade de perguntar se ficaria ali muito tempo, mas não o fêz. Os dois outros ocupantes do cubículo olhavam-no com indiferença. A presença humana desagradava-o. Preferia a solidão, o silêncio. Tinha saudade da antiga cela, onde o sol o visitava tôdas as manhãs e onde não sentia sobre si a frieza do olhar humano.

Acomodou-se a um canto, esperando que passasse o tempo. Ali, nem sequer saberia quando amanhecia, não veria a aurora surgir lentamente no céu. Não tinha mais o sol. Haviam-

lhe tirado a única coisa que o ajudava a viver. Invadia-o uma imensa tristeza. Ainda se lembrava daquela frase — “Ninguém pode ser condenado sem defesa” — e a Justiça cada vez mais lhe parecia uma farsa.

Se antes a pena que teria que cumprir não o preocupava, agora não conseguia pensar noutra coisa. Não viveria vinte anos daquela maneira, olhando as quatro paredes da cela e os rostos sombrios dos dois companheiros. É bem verdade que os presidiários podiam receber visitas em certos dias, mas quem o viria visitar se não tinha ninguém? Quem se preocuparia com êle?

Não comia. Não tinha vontade e além disso, tinha nojo. Os companheiros dividiam entre si a parte que lhe tocava da comida que traziam duas vezes por dia. Quiseram saber por que êle estava sempre triste e não comia. Êle explicou-lhes que sem janela, a cela era escura e o sol não entrava, e sem sol, não podia viver vinte anos na prisão. Êles não entenderam. Olhavam-no espantados, duvidavam do seu juízo.

As suas roupas pouco a pouco tornavam-se largas, dançavam-lhe no corpo. O rosto magro tinha ossos salientes, e os olhos, desapareciam por trás de profundas olheiras. Êle definhava. Em silêncio, agachado a um canto, esperava que o tempo passasse. Os companheiros olhavam-no com desconfiança, tomavam-no por louco. Êle evitava os seus olhares. A presença humana aborrecia-o, queria a solidão.

Quebrando o longo silêncio, reclamou um dia o sol que lhe haviam roubado. Ninguém o entendia. Os guardas riram da sua loucura. Êle voltou para o seu canto e continuou a esperar. Uma névoa muito espessa pairava-lhe diante dos olhos e a todo momento via à sua frente a testemunha olhando-o com ódio no Tribunal que o condenava a vinte anos de prisão.

Sentia esvair-se-lhe as fôrças. Tudo parecia rodar à sua volta. Ainda tinha nos ouvidos as gargalhadas dos guardas que riam de sua loucura. Queria reclamar, pedir que lhe dessem o sol, mas já não quebrava o silêncio: não tinha mais fôrças. Era o fim. Na cela escura e fria onde o sol não penetrava, sentia-se desaparecer lentamente.

O PÁSSARO DE ASAS CORTADAS